



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - FUESPI  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI  
CAMPUS DEP. JESUALDO CAVALCANTI



**GABRIELA PEREIRA DA SILVA**

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ACOMPANHANTE TERAPEUTICO (AT) NO  
CONTEXTO SALA DE AULA REGULAR**

**CORRENTE-PI**

**2025**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - FUESPI  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI  
CAMPUS DEP. JESUALDO CAVALCANTI



**GABRIELA PEREIRA DA SILVA**

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ACOMPANHANTE TERAPEUTICO (AT) NO  
CONTEXTO SALA DE AULA REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí/Campus Jesualdo Cavalcanti, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia sob a orientação da(a) professora (a) Antoniele Silvana De Melo Souza.

---

Prof. Dra Antoniele Silvana de Melo Souza  
Presidente da Banca

---

Prof. Dra Mirian Folha de Araujo Oliveira  
Membro Interno

---

Prof. Dra Cristine Brandenburg  
Membro externo

Corrente-PI, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025.

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO (AT) NO CONTEXTO SALA DE AULA REGULAR

Gabriela Pereira da Silva<sup>1</sup>

Antoniele Silvana<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata sobre educação inclusiva na perspectiva do papel profissional Acompanhante Terapêutico (AT) no contexto sala de aula regular. A pesquisa tem como objetivo geral investigar o papel do Acompanhante Terapêutico no contexto da sala de aula regular, destacando sua importância para o processo de inclusão escolar. Para alcançar esse objetivo, foi feita uma revisão bibliográfica e análise de artigos científicos para examinar a função do Acompanhante Terapêutico (AT) no processo de ensino-aprendizagem de estudantes neurodiversos. Foi aplicado um questionário a duas acompanhantes terapêuticas, em que elas contaram sobre suas experiências com educação inclusiva, sobre a atuação do Acompanhante Terapêutico, as estratégias e desafios e, por fim, elas fizeram uma avaliação e deram sugestões sobre o trabalho desse profissional. A aplicação do questionário foi importante para a obtenção dos dados necessários à análise proposta neste trabalho. Por meio da literatura e das respostas coletadas foi possível compreender melhor o comportamento e as percepções do público-alvo em relação ao tema estudado. As informações obtidas contribuíram diretamente para a construção da análise dos resultados e para a formulação da conclusão do artigo, garantindo maior embasamento e credibilidade às considerações finais.

**Palavra-chave:** Inclusão Escolar; Acompanhante Terapêutico; Educação Inclusiva; Adaptação Pedagógica.

**Abstract:** This article discusses inclusive education from the perspective of the professional role of the Therapeutic Companion (TA) in the regular classroom context. The research has the general objective of investigating the role of the therapeutic companion in the regular classroom context, highlighting their importance for the process of school inclusion. To achieve this objective, a bibliographic review and analysis of scientific articles were carried out to examine the role of the therapeutic companion (TA) in the teaching-learning process of neurodiverse students. A questionnaire was applied to two therapeutic companions, in which they talked about their experiences with inclusive education, about the role of the Therapeutic Companion, the strategies and challenges and, finally, they made an evaluation and gave suggestions about the work of this professional. The application of the questionnaire was important to obtain the data necessary for the analysis proposed in this work. Through the literature and the responses collected, it was

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí. Campus Jesualdo Cavalcanti. E-mail: gabrielapereiradasilva@aluno.uespi.br

<sup>2</sup> Doutora em Educação/Área Formação de Professores. Profª Adjunta da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. [antonielesouza@cte.uespi.br](mailto:antonielesouza@cte.uespi.br)

possible to better understand the behavior and perceptions of the target audience in relation to the studied topic. The information obtained contributed directly to the construction of the analysis of the results and to the formulation of the conclusion of the article, ensuring greater support and credibility to the final considerations.

**Keywords:** School Inclusion; Therapeutic Companion; Inclusive Education; Pedagogical Adaptation.

## 1. INTRODUÇÃO

O papel do Acompanhante Terapêutico (AT) no contexto sala de aula regular, nos permite refletir acerca dos desafios e das perspectivas que a educação enfrenta atualmente. A educação inclusiva tem sido um tema central nas discussões sobre a democratização do ensino, como forma de garantir a participação e o aprendizado de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, emocionais ou sociais. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) reforça a importância de incentivar um ambiente escolar acessível e adaptado para garantir a igualdade de oportunidades a todos os estudantes (Brasil, 2015).

O Acompanhante Terapêutico atua como um mediador no processo de ensino, facilitando o acesso à aprendizagem e promovendo a inclusão efetiva dos alunos que precisam de atendimento especializado no ambiente escolar regular. Seu papel vai além do simples auxílio educacional, envolvendo também, o acompanhamento emocional, social e comportamental dos estudantes, reforçando o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e interpessoais. A atuação desse profissional, portanto, não se limita à assistência direta ao aluno com deficiência, mas envolve, sobretudo, a interação com a equipe pedagógica, a adaptação das metodologias de ensino e o apoio à construção de uma cultura escolar mais inclusiva.

Essa pesquisa tem como objetivo geral investigar o papel do Acompanhante Terapêutico no contexto da sala de aula regular, destacando sua importância para o processo de inclusão escolar. Os objetivos específicos são: analisar a educação inclusiva e o contexto escolar; compreender o papel do Acompanhante Terapêutico no contexto da sala de aula regular: compreender funções, responsabilidades e contribuições do Acompanhante Terapêutico para o processo de inclusão do aluno

no espaço escolar; investigar estratégias utilizadas pelo Acompanhante Terapêutico para a adaptação e aprendizagem do aluno; identificar barreiras e desafios enfrentadas pelo Acompanhante Terapêutico no contexto da escola regular.

## **2. PERCURSO METODOLÓGICO**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender o papel do Acompanhante Terapêutico (AT) no contexto da educação inclusiva, especialmente, em salas de aula do ensino regular. Para alcançar os objetivos propostos, foi utilizado a pesquisa bibliográfica com o procedimento metodológico principal; e a aplicação do questionário por oferecer a compreensão do contexto em que se situa os profissionais.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com o intuito de fundamentar teoricamente o estudo, por meio da análise de livros, artigos científicos, legislações e documentos oficiais que abordam temas como inclusão escolar, neurodiversidade, atuação do Acompanhante Terapêutico e práticas pedagógicas inclusivas. As fontes foram selecionadas a partir de bases de dados acadêmicas reconhecidas, como SciELO, Google Scholar e periódicos da área da Educação e da Psicologia.

Para complementar a análise foi aplicado um questionário de caráter qualitativo a duas profissionais que atuam como Acompanhantes Terapêuticas em instituições de ensino regular. O instrumento foi composto por perguntas abertas, organizadas em quatro blocos temáticos: (1) Experiências com Educação Inclusiva; (2) Atuação do Acompanhante Terapêutico; (3) Estratégias e Desafios; e (4) Avaliação e Sugestões sobre o trabalho do AT. O objetivo foi coletar relatos e percepções sobre a prática profissional e os desafios enfrentados no processo de inclusão de estudantes neurodiversos no ambiente escolar.

As respostas foram analisadas por meio da técnica análise de conteúdo, com a finalidade de identificar categorias recorrentes, percepções comuns e contribuições relevantes para a compreensão da atuação do AT na promoção de uma educação inclusiva. A triangulação entre os dados empíricos obtidos via questionário e os dados teóricos procedentes da revisão bibliográfica proporcionou uma análise mais ampla e fundamentada, contribuindo para a construção das discussões e conclusões do presente artigo.

### 3. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O CONTEXTO ESCOLAR

A educação inclusiva tem sido amplamente reconhecida como um direito fundamental de todos os indivíduos, independentemente de suas características, necessidades ou dificuldades. Ela busca garantir que alunos com diferentes perfis, especialmente aqueles com deficiências, possam frequentar a escola regular, interagir com outros alunos e participar de atividades pedagógicas em condições de igualdade. Esse movimento foi impulsionado por mudanças nas políticas educacionais e sociais, que passaram a valorizar a diversidade e promover a eliminação de barreiras que impedem o pleno acesso à educação. Além de garantir o direito à educação inclusiva, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) estabelece penalidades para condutas discriminatórias praticadas por instituições de ensino contra pessoas com deficiência. O artigo 8º da LBI tipifica como crime, punível com reclusão de dois a cinco anos e multa, atos como "recusar, cobrar valores adicionais, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, em razão de sua deficiência" (Brasil, 2015, Art. 8º, I). Tal previsão legal evidencia o compromisso do ordenamento jurídico brasileiro com a efetivação da inclusão escolar, reafirmando que nenhuma pessoa pode ser impedida de acessar ou permanecer na escola em função de sua condição.

Uma escola comum só se torna inclusiva depois que se reestruturou para atender à diversidade do novo alunado em termos de necessidades especiais (não só as decorrentes de deficiência física, mental, visual, auditiva ou múltipla, como também aquelas resultantes de outras condições atípicas), em termos de estilos e habilidades de aprendizagem dos alunos e em todos os outros requisitos do princípio da inclusão, conforme estabelecido no documento, 'A declaração de Salamanca e o Plano de Ação para Educação de Necessidades Especiais' (Sassak, 2004, p.2).

Nesse contexto, a escola precisa se reinventar para garantir uma educação de qualidade a todos os alunos que apresentam necessidades educativas especiais. É fundamental reconhecer que cada estudante carrega suas próprias características, valores e ritmos de aprendizagem, tornando-se único e especial dentro do ambiente escolar. Trabalhar com essa diversidade significa mais do que adaptar métodos: é construir uma nova visão sobre o ensino e a aprendizagem, rompendo

definitivamente com qualquer forma de preconceito. Assim, todos os alunos devem ser verdadeiramente incluídos nesse processo, assegurando seu direito de pertencer, aprender e se desenvolver de maneira plena.

Mantoan (2003) nos apresenta reflexões sobre o conceito de inclusão nas escolas. A autora diferencia inclusão de integração, afirmando que incluir não é apenas inserir o aluno com deficiência no espaço escolar, mas garantir o direito à aprendizagem de forma efetiva, respeitando suas particularidades. A inclusão, para Mantoan, exige uma transformação estrutural na escola, tanto no aspecto pedagógico quanto organizacional. Ela critica o modelo tradicional que seleciona e hierarquiza os alunos com base em padrões homogêneos de rendimento, reforçando a exclusão de muitos. Segundo a autora, “incluir é muito mais que integrar: é garantir acesso, permanência e aprendizagem com qualidade” (Mantoan, 2003, p. 17), o que implica repensar a prática docente e valorizar a diversidade como um elemento enriquecedor do processo educativo. Nesse sentido, a escola precisa deixar de ser o espaço onde poucos aprendem para se tornar o lugar onde todos, sem exceção, tenham oportunidade de aprender. Esse pensamento é essencial para consolidar uma perspectiva de educação que promova a equidade, a justiça social e o reconhecimento da diferença como um direito.

A educação inclusiva não é apenas a presença física do aluno com deficiência em uma sala de aula regular. Ela envolve, também, a transformação do ambiente educacional para que todos os estudantes, com ou sem deficiência, possam aprender de forma colaborativa e participativa. Nesse contexto, a inclusão escolar exige a adaptação de metodologias, currículos, estratégias de ensino e avaliação, para garantir que os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado, respeitando suas individualidades e necessidades específicas (Montoan, 2003).

Para Montoan (2007, p. 59), “aprender é tarefa do aluno, independentemente do nível de conhecimento a que ele for capaz de ter acesso. Ensinar é tarefa do professor. Esse é um dos pontos chaves da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, ou seja, o professor tem que achar meios para disponibilizar o conhecimento de forma clara, adaptável e flexível, deixando que o aluno construa sua aprendizagem da maneira que a ele for mais acessível. Além disso, a inclusão na educação implica uma mudança de mentalidade tanto dos educadores quanto da comunidade escolar em geral. A construção de uma cultura inclusiva requer que as

escolas adotem uma postura de respeito à diversidade, promovam a convivência e a colaboração entre alunos com diferentes habilidades e desenvolvam práticas pedagógicas que favoreçam o aprendizado de todos. Isso envolve, também, a capacitação contínua dos professores, para que estes estejam preparados para lidar com a diversidade de alunos e adaptar suas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades do grupo.

Montoan (2003) argumenta sobre as características das escolas que valorizam as diferenças.

As escolas que reconhecem e valorizam as diferenças têm projetos inclusivos de educação e o ensino que ministram difere radicalmente do proposto para atender às especificidades dos educandos que não conseguem acompanhar seus colegas de turma, por problemas que vão desde as deficiências até outras dificuldades de natureza relacional, motivacional ou cultural dos alunos. Nesse sentido, elas contestam e não adotam o que é tradicionalmente utilizado para dar conta das diferenças nas escolas: as adaptações de currículos, a facilitação das atividades e os programas para reforçar aprendizagens, ou mesmo para acelerá-las, superar o sistema tradicional de ensinar é um propósito que temos de efetivar com toda a urgência. Essa superação refere-se ao “que” ensinamos aos nossos alunos e ao “como” ensinamos, para que eles cresçam e se desenvolvam, sendo seres éticos, justos, pessoas que terão de reverter uma situação que não conseguimos resolver inteiramente: mudar o mundo e torná-lo mais humano. Recriar esse modelo tem a ver com o que entendemos como qualidade de ensino (Montoan, 2003, p.34-35)

A citação de Mantoan (2003) traz uma reflexão sobre o compromisso da educação inclusiva em transformar práticas pedagógicas tradicionais em práticas transformadoras. A autora destaca que as escolas verdadeiramente inclusivas não se limitam a adaptações pontuais no currículo ou a estratégias compensatórias para estudantes com dificuldades, mas propõem uma reformulação estrutural do próprio conceito de ensino. Essa transformação implica repensar o que e como ensinamos, enfatizando não apenas o domínio de conteúdos acadêmicos, mas a formação de sujeitos éticos, críticos e comprometidos com a construção de um mundo mais justo e humano. Mantoan aponta que a qualidade da educação não pode ser medida apenas pela eficácia em transmitir conhecimentos, mas, principalmente, pela capacidade de desenvolver cidadãos capazes de promover mudanças sociais profundas. Nesse sentido, a inclusão se apresenta não como um favor ou uma concessão, mas como uma reestruturação necessária da prática educativa para atender a diversidade como parte natural e enriquecedora do processo de



aprendizagem. Assim, nessa compreensão, a inclusão tende a ser um movimento que visa mudar as escolas e os professores, para que elas possam responder positivamente à diversidade dos estudantes (Mantoan, 2003).

Portanto, o contexto escolar da educação inclusiva é caracterizado por um ambiente que vai além da simples inserção dos alunos com deficiência nas salas de aula, para ser um espaço capaz de promover mudanças estruturais, pedagógicas e culturais que favoreçam a aprendizagem e a convivência respeitosa. Neste cenário, o papel do Acompanhante Terapêutico se torna fundamental, pois é ele quem contribui para que os alunos com necessidades especiais possam participar ativamente das atividades escolares, como alternativa para uma inclusão mais efetiva e completa.

#### **4. O PAPEL DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA REGULAR**

O Acompanhante Terapêutico é uma ocupação que teve origem na Argentina, por volta da década de 1960, como uma estratégia para complementar os tratamentos clínicos tradicionais voltados a pessoas com autismo. Inicialmente, sua atuação se destacava no contexto escolar, oferecendo apoio direto aos estudantes com autismo, favorecendo sua interação social e seu desenvolvimento dentro do ambiente educacional (Mantoan, 2002). Por essa razão, o papel desse profissional, no contexto da sala de aula regular, é fundamental para garantir que estudantes com necessidades educacionais específicas, como deficiências ou transtornos de aprendizagem, possam participar plenamente das atividades escolares. O Acompanhamento Terapêutico é um profissional especializado da área de Psicologia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia ou Pedagogia, cuja função é apoiar o aluno em suas demandas emocionais, sociais e cognitivas, ajudando na adaptação e no desenvolvimento de habilidades permitidas para o ambiente escolar.

Em relação às escolas que trabalham com a inclusão, Mantoan (2002, p.46) nos esclarece como devem ser os contextos educacionais para a inclusão.

Em contextos educacionais inclusivos, que preparam os alunos para a cidadania e visam ao seu pleno desenvolvimento humano, como quer a Constituição Federal (art.205), as crianças e adolescentes com deficiências não precisam e não devem estar fora das turmas comuns das escolas de ensino regular de Educação Infantil e do Ensino Fundamental e Médio, frequentando classes e escolas especiais.

Algumas funções específicas que o Acompanhante Terapêutico pode destacar nesse contexto é o apoio emocional e comportamental. O AT, também, pode ajudar a regular as emoções do aluno, principalmente, em situações de ansiedade, frustração ou dificuldades de socialização, promovendo o bem-estar e a autoestima do estudante.

## **5. ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO PARA A ADAPTAÇÃO E APRENDIZAGEM DO ALUNO**

A Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um dos principais marcos legais no que diz respeito ao direito ao atendimento especializado no ambiente escolar. O Art. 2º, §3º, da lei supracitada, determina que, “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista terá direito a acompanhante especializado durante o período de permanência na escola” (Brasil, 2012). Esse dispositivo respalda juridicamente a presença de profissionais como o Acompanhante Terapêutico (AT), quando indicado por equipe multidisciplinar, de modo a contribuir para a inclusão, permanência e participação ativa do aluno com TEA no espaço educacional.

O Acompanhante Terapêutico (AT) utiliza uma variedade de estratégias para promover a interação do aluno com suas habilidades e limitações, buscando facilitar sua adaptação ao ambiente escolar e seu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Essas estratégias são cuidadosamente adaptadas às necessidades e características específicas de cada aluno. Aqui estão algumas das abordagens mais comuns: promoção da autorregulação emocional; apoio na comunicação; estruturação do ambiente; desenvolvimento de habilidades cognitivas e acadêmicas; fomento à autonomia; interação com os colegas; monitoramento e ajuste de estratégias.

Kempinski *et al.* (2015) demonstram como um Plano Educacional Individualizado, elaborado pela escola, pode contribuir no apoio ao trabalho desenvolvido pelo AT e o impacto positivo no desenvolvimento do aluno.

Em um estudo longitudinal, observou-se que os alunos que tiveram seus planos educacionais individualizados elaborados e implementados apresentaram melhorias significativas em suas notas, participação nas atividades escolares e comportamentos sociais. A personalização do ensino permitiu que os educadores atendessem de maneira eficaz às necessidades

individuais, resultando em um ambiente de aprendizagem e acolhedor (Kempinski *et al.*, 2015, p. 98).

Com a elaboração do Plano Educacional Individualizado o profissional pode ter mais facilidade em elaborar um plano de aula que atenda às necessidades do aluno, de modo que planejar atividades inclusivas e adaptar o conteúdo das aulas é essencial para garantir que todos os alunos possam acessar o conteúdo de maneira igual. Isso pode incluir a simplificação de textos, o uso de materiais audiovisuais e a implementação de atividades práticas. As adaptações devem ser feitas de acordo com as necessidades específicas de cada aluno, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e eficaz, dar tempo ao aluno, entender que alguns alunos aprendem de forma diferentes e em tempos diferentes contribui para a inclusão.

## **6. BARREIRAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NO CONTEXTO ESCOLAR**

O Acompanhante Terapêutico enfrenta diversas barreiras no contexto escolar, que vão desde a falta de compreensão sobre seu papel por parte de professores e gestores, até a resistência de alguns profissionais em integrar esse suporte à dinâmica pedagógica. Matos e Matos (2017) corroboram essa perspectiva, ao apontar que o AT frequentemente atua em ambientes pouco preparados para lidar com a diversidade, enfrentando resistências por parte da gestão escolar e dos próprios docentes. Segundo os autores, o profissional lida com um cenário marcado por currículos engessados, pouca flexibilidade metodológica e limitações estruturais, como a falta de materiais adaptados e a superlotação das salas de aula. Além disso, a escassez de espaços de planejamento conjunto e de diálogo entre o AT e os demais profissionais da escola reforça sua posição excluída dentro do ambiente escolar. Muitas vezes, as escolas não possuem estrutura adequada ou políticas claras para proteger o trabalho do acompanhante, dificultando a integração entre as estratégias terapêuticas e os objetivos educacionais. Além disso, o preconceito e a desinformação sobre a atuação do acompanhante podem gerar conflitos, limitando a efetividade do trabalho e comprometendo o desenvolvimento integral do aluno. Essas barreiras e desafios exigem uma abordagem colaborativa, com capacitação

contínua dos profissionais da escola, diálogo entre as partes envolvidas e um plano individualizado que considera as necessidades do aluno.

Os recursos financeiros limitados dificultam a execução eficaz da educação inclusiva, a implementação da inclusão muitas vezes requer investimentos significativos em infraestrutura, formação de professores e recursos pedagógicos. Algo que nem sempre está disponível para as instituições de ensino, principalmente, em escolas públicas. A falta de recursos, infraestruturas adaptadas e o preconceito, diminuem a frequência dos alunos com deficiência na escola, o que dificultam o processo de aprendizagem. O grande número de alunos em sala de aula, também, é um fator que dificulta a inclusão. Professores sem formação adequada, é outra barreira enfrentada pelo Acompanhante Terapêutico em sala de aula. (Matos e Matos, 2017).

Frente às barreiras e desafios enfrentados pelo Acompanhante Terapêutico no ambiente escolar, realçamos a importância de sua própria formação teórica e prática de forma contínua, para o bom e eficaz desempenho de suas funções. Destacamos a importância de uma formação voltada para os aspectos teóricos e práticos acerca da neurodiversidade e de suas intervenções terapêuticas, para melhor compreender as necessidades dos alunos (Pereira e Martins, 2017).

## **7. DIALOGANDO COM OS ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO**

Como anteriormente anunciado, foi aplicado um questionário com questões abertas com duas Acompanhantes Terapêuticas que exercem suas funções acompanhando crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), no espaço escolar. As categorias exploradas no roteiro do questionário foram as seguintes: experiências com educação inclusiva; atuação; estratégias e desafios; avaliação e sugestões sobre o trabalho do AT.

As duas respondentes, participantes da pesquisa têm como formação inicial o curso de Licenciatura em Pedagogia e atuam em escolas privadas: a Acompanhante A trabalha com um aluno da Educação Infantil e a Acompanhante B trabalha com um aluno do Ensino Fundamental I.

Apresentamos, na sequência, os resultados obtidos através da aplicação da técnica do questionário, transcritos com base nas respostas.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, enviado aos participantes por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp. Os participantes responderam às perguntas diretamente na plataforma. O uso do WhatsApp teve como objetivo facilitar o acesso e aumentar a taxa de resposta, considerando a familiaridade dos respondentes com o aplicativo.

**Quadro 1**–Qual a sua principal motivação para atuar como Acompanhante Terapêutico (AT) na escola?

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
Qual a sua principal motivação para atuar como Acompanhante Terapêutico (AT) na escola?	Conhecer a importância do meu apoio para a formação integral da criança e saber o quanto sou necessária na vida dela.	Minha maior motivação é ajudar a família atípica, na evolução e desenvolvimento da criança.

Fonte: Questionário

Diante das respostas obtidas identificamos alguns elementos em relação à motivação do AT no exercício de suas funções: é perceptível a empatia das acompanhantes em relação às crianças que elas acompanham e o reconhecimento da importância delas na formação dessas crianças. A Acompanhante A enfatiza a relevância de seu papel na formação integral da criança, demonstrando uma consciência profissional sobre o impacto positivo de sua presença no cotidiano escolar e no desenvolvimento global do educando. Sua motivação está centrada na percepção do valor do vínculo estabelecido com a criança e na contribuição efetiva para seu processo de aprendizagem e inclusão.

Já a Acompanhante B destaca como principal motivação o apoio às famílias atípicas e o compromisso com a evolução da criança, sinalizando uma sensibilidade para a realidade dos cuidadores e o contexto familiar. Sua fala aponta para um olhar mais ampliado sobre o processo educativo, que ultrapassa os muros da escola e considera a parceria com a família como parte fundamental do trabalho terapêutico.

Ambas as respostas indicam um envolvimento emocional e ético com a função de AT, evidenciando que essa atuação vai além do apoio técnico-pedagógico, envolvendo empatia, responsabilidade social e compromisso com a inclusão. Esses relatos reforçam a importância do AT como figura de apoio não apenas para a criança, mas também, como elo entre escola e família, promovendo uma rede de cuidado e desenvolvimento integral.

**Quadro 2** –Em sua prática, como você entende o conceito de educação inclusiva?

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
Em sua prática, como você entende o conceito de educação inclusiva?	Promover igualdade de oportunidades e participação de todos os sujeitos escolares no processo de ensino-aprendizagem da criança portadora de deficiência, criando assim um ambiente onde todos aprendem juntos, cada um em seu ritmo.	É incluir a criança ou adulto no meio social, ou seja, em todas as atividades do meio em que está inserido.

Fonte: Questionário

Percebemos que as entrevistadas têm uma visão semelhante em relação à educação inclusiva e, em suas práticas, incentivam seus alunos a participarem das atividades escolares.

As respostas das Acompanhantes Terapêuticas demonstram uma compreensão alinhada aos princípios fundamentais da educação inclusiva, embora com enfoques distintos que se complementam.

A Acompanhante A apresenta uma definição mais voltada ao contexto escolar, destacando a igualdade de oportunidades, a participação de todos os sujeitos escolares e o respeito ao ritmo individual de aprendizagem. Essa visão reflete um entendimento pedagógico da inclusão, valorizando a diversidade e a adaptação das práticas educativas para garantir a aprendizagem de todos, especialmente das crianças com deficiência.

Por sua vez, a Acompanhante B oferece uma perspectiva mais ampla e social da inclusão, compreendendo-a como a participação plena da pessoa com deficiência em todas as atividades do meio em que está inserida. Sua fala ressalta a importância da inclusão não apenas no ambiente escolar, mas também, na vida em sociedade, reforçando o princípio da convivência e da cidadania.

Ambas as respostas evidenciam um compromisso com a promoção da inclusão como prática de justiça social, seja no âmbito da escola ou na vida cotidiana. Elas revelam que, na prática do AT, a educação inclusiva é entendida como um processo que vai além da presença física do aluno com deficiência em sala de aula, pois, trata-se de garantir condições reais para que ele participe, se desenvolva e seja reconhecido como sujeito de direitos.

**Quadro 3** – Quais são as principais necessidades dos alunos que você acompanha atualmente?

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
Quais são as principais necessidades dos alunos que você acompanha atualmente?	Associar o som das sílabas para assim formar palavras, dificuldade de comunicação com intencionalidade, necessita de acompanhamento para ir ao banheiro, pois não sabe avisar quando quer usá-lo.	Dificuldade na fala (não verbal) e socialização.

Fonte: Questionário

O que podemos identificar nas respostas do Quadro 3, é que ambas as crianças têm déficits na comunicação e na interação social. As acompanhantes apontam essas características como as principais necessidades dos alunos acompanhados no atual contexto.

As respostas das acompanhantes revelam as múltiplas e complexas necessidades dos alunos acompanhados, envolvendo aspectos cognitivos, comunicacionais, sociais e de autonomia pessoal.

A Acompanhante A descreve necessidades relacionadas ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita, como a dificuldade de associar sons às sílabas para formar palavras, além de limitações na comunicação com intencionalidade e dependência para cuidados pessoais (uso do banheiro), o que aponta para um nível significativo de apoio necessário no cotidiano escolar. Sua resposta evidencia a importância de intervenções que promovam a alfabetização funcional, o desenvolvimento da comunicação alternativa (quando necessário) e o estímulo à autonomia.

A Acompanhante B destaca, de forma mais sucinta, a ausência da fala (comunicação não verbal) e as dificuldades de socialização, aspectos que impactam diretamente a interação com os colegas e a participação nas atividades escolares. Essa resposta chama atenção para a necessidade de estratégias que favoreçam a comunicação alternativa e aumentativa (CAA), além de intervenções que estimulem a inclusão social e afetiva do aluno no ambiente escolar.

Ambas as respostas demonstram que os alunos acompanhados enfrentam barreiras significativas à aprendizagem e à convivência, e que o papel do AT é essencial para mediar essas dificuldades, oferecendo suporte individualizado,

favorecendo a inclusão e contribuindo para o desenvolvimento integral desses estudantes.

**Quadro 4 – De que forma a escola onde você atua se organiza para promover a inclusão escolar?**

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
De que forma a escola onde você atua se organiza para promover a inclusão escolar?	A escola criou um ambiente físico e emocional acolhedor, com salas com poucos cartazes coloridos, ventiladores sem ruídos, sala de acolhimento (para momentos de crises), profissionais de apoio capacitados, psicopedagoga de plantão e conversas conscientizadoras que inspiram os colegas a terem sempre cuidado, carinho e atenção com os alunos com necessidades especiais.	Primeiramente, com a aceitação, e em Segundo com a equipe de multiprofissionais para atender a criança, junto com a AT e recursos que devem ser disponibilizados.

Fonte: Questionário

As respostas evidenciam esforços concretos das instituições escolares para promover a inclusão escolar de forma ampla. A resposta da Acompanhante A destaca uma abordagem estruturada e sensível, envolvendo tanto o ambiente físico quanto o emocional e conta com profissionais capacitados, incluindo psicopedagoga e equipe de apoio. Além disso, busca promover a conscientização dos colegas. Isso demonstra uma visão integrada e preventiva da inclusão.

A resposta da Acompanhante B, por sua vez, enfatiza a importância da aceitação inicial como ponto de partida, além da presença de uma equipe multiprofissional e o uso de recursos adequados ao atendimento das necessidades dos alunos. Ainda que mais breve, essa resposta reforça a importância do trabalho em equipe e da estrutura de apoio técnico para garantir o sucesso da inclusão.

**Quadro 5 – Liste as atividades que você realiza com a criança durante a rotina escolar.**

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
Liste as atividades que você realiza com a criança durante a rotina escolar.	Chegada seguida de acolhida com brinquedos de preferência da criança. Idas ao banheiro de 30 em 30min para o desfralde. Atividade lúdica baseada no assunto que será trabalhado durante a manhã, acompanhamento na hora do	Acompanho nas atividades escolares de sala e extra sala. Ajudo ele nos movimentos das atividades, pois ele não se interage muito com as coisas, como os comandos da professora



	lanche e intervalo, sempre buscando promover a interação da criança com as demais crianças da sala. Após o intervalo: Acompanhamento de atividade no livro adaptada ou atividade em folha xerocada de acordo com o assunto estudado.	e outros.
--	--	-----------

Fonte: Questionário

As respostas evidenciam diferentes níveis de planejamento e atuação no acompanhamento de crianças com necessidades específicas durante a rotina escolar. A resposta da Acompanhante A descreve de forma detalhada uma rotina estruturada, com ações organizadas desde a chegada até as atividades pedagógicas. Destacamos: práticas como acolhida personalizada com brinquedos preferidos, estratégias para o desfralde com idas regulares ao banheiro, uso de atividades lúdicas contextualizadas com o conteúdo do dia, e o estímulo contínuo à interação social durante momentos de lanche e intervalo. Além disso, a adaptação de atividades pedagógicas (uso de livro adaptado ou folhas xerocadas) demonstra uma preocupação com o acesso ao conteúdo curricular de forma inclusiva.

A resposta da Acompanhante B, ainda que mais breve, revela uma atuação importante no suporte motor e na mediação dos comandos escolares, indicando que a criança apresenta dificuldades de interação e compreensão. O apoio nas atividades de classe mostra o comprometimento com a participação do aluno, mesmo que as ações não estejam descritas com tanto detalhamento quanto na primeira resposta. Essa diferença, no entanto, pode refletir distintas formações, experiências ou recursos disponíveis para os profissionais envolvidos.

**Quadro 6** – você sente que suas ações são reconhecidas e integradas ao trabalho pedagógico da escola? Comente sobre.

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
você sente que suas ações são reconhecidas e integradas ao trabalho pedagógico da escola? Comente sobre.	Não.	Sim. Sempre temos breves reuniões para comentar o desenvolvimento da criança, juntos e sempre buscando melhorias, com recursos principalmente.

Fonte: Questionário

As respostas revelam percepções distintas quanto ao reconhecimento e à integração das ações do profissional de apoio ao trabalho pedagógico da escola. A resposta da Acompanhante A, ao afirmar simplesmente “Não”, aponta para uma possível falta de valorização ou integração do trabalho desse profissional na dinâmica escolar. Essa ausência de reconhecimento pode impactar negativamente tanto o bem-estar do profissional quanto a qualidade do atendimento oferecido à criança com necessidades especiais.

Por outro lado, a resposta da Acompanhante B apresenta uma realidade mais positiva, na qual há espaço para diálogo e colaboração entre os membros da equipe escolar. A realização de reuniões periódicas para discutir o desenvolvimento da criança e buscar melhorias, especialmente no uso de recursos, demonstra um ambiente mais inclusivo e participativo, no qual o trabalho do profissional é valorizado e alinhado ao projeto pedagógico da instituição.

A comparação entre as duas respostas evidencia que a integração efetiva dos profissionais de apoio ainda é uma realidade desigual entre as escolas. Esse dado reforça a importância de a gestão escolar promover momentos de escuta, planejamento coletivo e formação continuada, de modo que todos os envolvidos no processo educativo se sintam parte integrante e essencial na promoção da inclusão escolar.

**Quadro 7** – Quais são os principais desafios que você enfrenta no acompanhamento dentro da sala de aula?

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
Quais são os principais desafios que você enfrenta no acompanhamento dentro da sala de aula?	Em diversos momentos me sinto sozinha, sem apoio dos outros profissionais da educação, principalmente da professora titular da sala. Trabalhar com alunos com necessidades especiais é sempre desafiador, nunca sabemos o suficiente e tem dias que falta ideias e me sinto perdida, sem saber como seguir. Em momentos de crises do aluno nenhum outro profissional pode ajudar (a responsabilidade sobre a criança sempre é minha independentemente do que esteja acontecendo). Outra dificuldade é acompanhar os	A falta de empatia de alguns funcionários da escola, e porque a inclusão ainda é algo que ainda é muito pouco abraçado.

	conteúdos programáticos, adaptar as atividades para que seja possível o entendimento por parte da criança.	
--	--	--

Fonte: Questionário

As respostas apontam desafios significativos enfrentados pelos profissionais que acompanham alunos com necessidades especiais dentro da sala de aula, revelando tanto questões estruturais quanto emocionais no contexto da inclusão escolar.

A Acompanhante A destaca a falta de apoio da equipe pedagógica, especialmente da professora titular, o que evidencia uma fragilidade na articulação entre os profissionais da educação. A sensação de solidão, o esgotamento emocional diante das crises, e a percepção de que toda a responsabilidade recai sobre um único profissional revelam uma sobrecarga preocupante. Além disso, a dificuldade em adaptar conteúdos programáticos reflete a ausência de formação continuada e de suporte institucional adequado para garantir o direito à aprendizagem dos alunos com deficiência.

Já a Acompanhante B reforça um ponto crítico: a falta de empatia e de comprometimento institucional com a inclusão. Quando a inclusão não é efetivamente abraçada por toda a equipe escolar, torna-se um esforço isolado, limitado e muitas vezes ineficaz.

A inclusão escolar depende de um trabalho coletivo, que vai além da presença de um profissional de apoio, exigindo mudanças culturais, estruturais e pedagógicas dentro da escola.

**Quadro 8** – Na sua opinião, como o trabalho do Acompanhante Terapêutico contribui para a inclusão escolar?

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
Na sua opinião, como o trabalho do Acompanhante Terapêutico contribui para a inclusão escolar?	O Acompanhante Terapêutico contribui para o bem-estar da criança, promove a inclusão e autonomia, facilita a interação e participação em diversas atividades, além de sempre buscar a independência da criança.	Contribui tanto para o crescimento da escola em conhecimento e capacitação como para o desenvolvimento da criança e das outras crianças.

Fonte: Questionário

As respostas destacam a importância do Acompanhante Terapêutico (AT) como peça fundamental na promoção da inclusão escolar. A resposta da Acompanhante A enfatiza a atuação direta do AT no bem-estar, autonomia e participação ativa da criança nas atividades escolares. Ao favorecer a interação e buscar constantemente a independência do aluno, o AT não apenas apoia o processo de aprendizagem, mas também, fortalece o desenvolvimento social e emocional da criança, aspectos centrais para uma inclusão efetiva.

Já a resposta da Acompanhante B amplia essa visão, ao considerar que a atuação do AT beneficia não apenas a criança acompanhada, mas, sobretudo, promove crescimento institucional, ao contribuir com o conhecimento e a capacitação da equipe escolar. Além disso, o impacto positivo é estendido às outras crianças, promovendo um ambiente de convivência mais inclusivo e empático. Esse olhar evidencia o potencial transformador da inclusão, que, quando bem conduzida, enriquece toda a comunidade escolar.

**Quadro 9** – O que poderia ser feito para melhorar a sua atuação como AT dentro da escola?

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
O que poderia ser feito para melhorar a sua atuação como AT dentro da escola?	A escolar poderia ter mais recursos pedagógicos, oferecer apoio por parte dos outros profissionais presentes no meio educacional e formações pedagógicas sobre como proceder, como agir em cada fase ou momentos da evolução da criança com necessidades especiais.	Para melhorar atuação do AT na escola, deve ter mais suporte por parte da direção da escola, assim como disponibilizar mais recursos, e a família está mais presentes em alguns momentos específicos.

Fonte: Questionário

As respostas das acompanhantes evidenciam necessidades importantes para o aprimoramento de sua atuação no ambiente escolar. Ambas apontam que a atuação do AT ainda carece de suporte institucional, recursos pedagógicos e integração com os demais envolvidos no processo educativo.

A Acompanhante A destaca a carência de recursos pedagógicos adequados, a falta de apoio por parte da equipe escolar, e a necessidade de formações específicas para lidar com as diferentes fases do desenvolvimento da criança com necessidades especiais. Isso revela uma demanda por capacitação contínua e por

uma cultura escolar que reconheça o AT como parte integrante da equipe pedagógica. Já a Acompanhante B reforça a importância do suporte da direção e da presença mais ativa da família em momentos-chave da rotina escolar. Esses elementos apontam para a necessidade de uma atuação articulada entre escola, família e profissionais, essencial para o êxito da inclusão escolar.

**Quadro 10** – Que mensagem você deixaria para quem está começando a trabalhar como Acompanhante Terapêutico na escola?

Pergunta	Acompanhante A	Acompanhante B
Que mensagem você deixaria para quem está começando a trabalhar como Acompanhante Terapêutico na escola?	Tenha muita calma, paciência, se capacite cada vez mais, e quando sentir-se que não sabe de algo e que precisa melhorar, procure ajuda isso é fundamental, para um bom trabalho e resultado também.	Conheça bem sua função e importância na vida da criança; chegue devagar, sem invadir o mundo dele, de maneira silenciosa, até ele se acostumar com sua presença; seja paciente, manso; Sempre converse com seu aluno, mesmo que ele nunca te responda, narre sempre o que estiverem fazendo; lute por seu lugar, mostre sua importância e o quanto seu trabalho é necessário.

Fonte: Questionário

A resposta da Acompanhante A valoriza aspectos essenciais como a paciência, a busca constante por capacitação e o reconhecimento dos próprios limites. O incentivo para procurar ajuda quando necessário demonstra uma postura ética e responsável, que contribui diretamente para o desenvolvimento do profissional e o bem-estar da criança atendida.

Já a Acompanhante B apresenta uma mensagem mais sensível e reflexiva, enfatizando a importância de estabelecer vínculos como respeito ao tempo e ao espaço da criança. A orientação para "chegar devagar, sem invadir, conversar sempre, mesmo sem retorno verbal, e narrar as atividades" revela um profundo entendimento da função como mediação afetiva e comunicativa. Além disso, destacamos o chamado para que o profissional lute por seu espaço na escola, valorizando sua atuação e mostrando a importância do seu papel no processo inclusivo.

As mensagens deixadas pelos acompanhantes terapêuticos para quem está iniciando na função revelam não apenas orientações práticas, mas também, a

dimensão humana e afetiva do trabalho com crianças com necessidades especiais no ambiente escolar.

Com base na análise das respostas obtidas por meio do questionário aplicado a duas Acompanhantes Terapêuticas que atuam com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas privadas, é possível perceber a complexidade e a importância do papel desses profissionais no contexto da educação inclusiva. As informações colhidas revelam um comprometimento significativo das entrevistadas com o bem-estar, desenvolvimento e inclusão de seus alunos, mesmo diante de inúmeros desafios.

A pesquisa evidenciou que as Acompanhantes Terapêuticas compreendem a educação inclusiva como um processo de promoção de igualdade de oportunidades e participação ativa das crianças em todas as dimensões escolares. Ambas reconhecem a importância da sua função no desenvolvimento da autonomia, comunicação e socialização dos alunos, além de identificarem que o sucesso da inclusão depende de uma rede de apoio envolvendo escola, família e equipe multidisciplinar.

As respostas, também, apontam para desafios persistentes, como a falta de apoio institucional, escassez de recursos pedagógicos, ausência de integração com a equipe escolar e, em alguns casos, a sensação de isolamento e sobrecarga. Esses aspectos revelam a necessidade de um olhar mais atento da gestão escolar, tanto no que diz respeito à valorização desses profissionais quanto na construção de um ambiente colaborativo e formativo.

As contribuições das participantes reforçam que o trabalho do Acompanhante Terapêutico vai além do apoio técnico; ele envolve sensibilidade, paciência, empatia e uma postura ética e propositiva diante das dificuldades. Suas experiências indicam que a inclusão escolar só se concretiza de forma plena quando todos os envolvidos na escola, profissionais de apoio, professores e famílias caminham juntos, com escuta ativa, respeito às singularidades e compromisso com a aprendizagem de todos.

Dentre os aspectos mais significativos destacados pelas profissionais, ressaltamos o papel do AT no favorecimento da autonomia progressiva do estudante, no estímulo à socialização com os pares, na adaptação de estratégias pedagógicas e na construção de um ambiente mais acolhedor e acessível. O AT não substitui o trabalho do professor, tampouco atua de maneira isolada; ao contrário,

sua efetividade depende de um trabalho colaborativo, ético e comprometido com os princípios da inclusão e dos direitos humanos.

Assim, concluímos que o Acompanhante Terapêutico tem papel central na efetivação da inclusão escolar, mas seu trabalho precisa ser reconhecido, valorizado e apoiado por toda a comunidade educativa. Investir na formação, integração e condições adequadas de trabalho desses profissionais é investir, de fato, em uma escola mais justa, humana e inclusiva.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da importância do papel do Acompanhante Terapêutico (AT) no contexto da sala de aula regular foi possível por meio de uma abordagem metodológica fundamentada em pesquisa bibliográfica e na aplicação de questionários a profissionais atuantes na área. A revisão da literatura permitiu compreender os fundamentos teóricos do trabalho do AT, sua função no apoio à inclusão escolar de estudantes com deficiência ou transtornos do neurodesenvolvimento, bem como sua atuação interdisciplinar em parceria com professores, equipe pedagógica e famílias.

Além disso, os dados obtidos por meio dos questionários aplicados a duas profissionais da área contribuíram para evidenciar, na prática, como a presença do AT pode favorecer o desenvolvimento da autonomia, da socialização e da aprendizagem dos alunos, respeitando suas individualidades e promovendo sua efetiva participação nas atividades escolares. As respostas indicaram que o AT desempenha um papel mediador entre o aluno, o professor e o ambiente escolar, ajudando a adaptar estratégias e garantindo que as barreiras à aprendizagem sejam minimizadas.

Dessa forma, foi possível concluir que o acompanhamento terapêutico, quando articulado ao projeto pedagógico da escola e inserido em um contexto de colaboração com os demais profissionais da educação, representa um recurso fundamental para consolidar práticas inclusivas, assegurando o direito à educação de qualidade para todos os estudantes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 28 dez. 2012.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 152, n. 127, p. 2, 7 jul. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 23 maio 2025.

KEMPINSKI, P. A.; SILVA, M. L.; FERREIRA, A. B. Planos educacionais individualizados: impacto no desempenho e inclusão de alunos com necessidades especiais. **Revista de Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 2, p. 97–110, 2015.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 6. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, M. T. E. A educação inclusiva no Brasil: do discurso à prática. **Revista Pátio: Educação Inclusiva**, Porto Alegre, n. 24, p. 44-47, 2002.

MANTOAN, M. T. E. Ensino e aprendizagem na perspectiva inclusiva. **Revista Inclusão**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 55–65, 2007.

MATOS, E. P.; MATOS, L. F. Desafios da inclusão escolar: a atuação do acompanhante terapêutico na escola regular. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 23, n. 1, p. 123-138, 2017.

PEREIRA, A. C.; MARTINS, L. A. Formação e capacitação de atendentes terapêuticos: um estudo exploratório. **Psicologia: Teoria e Prática**, 19(3), 74-89, 2017.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca, 1994. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000098427>. Acesso em: 23 maio 2025.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.